

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA (UNIVAP)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E ARTES (FEA)
CURSO DE PSICOLOGIA

ANA LUIZA NASCIMENTO
JULIA SIMMEI HUANG

**O IMPACTO DA INTERNET E MÍDIAS SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA**

São José dos Campos
2025

Ana Luiza Nascimento

Julia Simmei Huang

O Impacto da Internet e Mídias Sociais na Construção da Identidade na Adolescência

Relatório apresentado à Banca Examinadora, como parte das exigências da disciplina Trabalho de Graduação II do curso de Psicologia da Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Rodney Querino Ferreira da Costa

São José dos Campos, SP

2025

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DA OBRA

Ficha catalográfica

Huang, Julia Simmei

O Impacto da Internet e Mídias Sociais na Construção da Identidade na Adolescência / Julia Simmei Huang; Ana Luiza Nascimento; orientador, Rodney Querino Ferreira da Costa. - São José dos Campos, SP, 2025.

35 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos. Psicologia.

Inclui referências

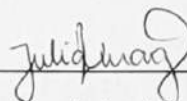
1. Psicologia. 2. Internet. 3. Identidade. 4. Mídias Sociais. 5. Adolescência. I. Nascimento, Ana Luiza. II. Costa, Rodney Querino Ferreira da, orient. III. Universidade do Vale do Paraíba. Psicologia. IV. Título.

Eu, Julia Simmei Huang, autor(a) da obra acima referenciada:

Autorizo a divulgação total ou parcial da obra impressa, digital ou fixada em outro tipo de mídia, bem como, a sua reprodução total ou parcial, devendo o usuário da reprodução atribuir os créditos ao autor da obra, citando a fonte.

Declaro, para todos os fins e efeitos de direito, que o Trabalho foi elaborado respeitando os princípios da moral e da ética e não violou qualquer direito de propriedade intelectual sob pena de responder civil, criminal, ética e profissionalmente por meus atos.

São José dos Campos, 14 de Dezembro de 2025.



Autor(a) da Obra

Data da defesa: 04 / 12 / 2025

Ana Luiza Nascimento

Julia Simmei Huang

**O impacto da internet e mídias sociais na construção da identidade na
adolescência**

Relatório final de pesquisa aprovado como parte das exigências da disciplina Trabalho de Graduação II do curso de Psicologia da Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Rodney Querino Ferreira da Costa (UNIVAP)



Prof. Dr. Lauro Take Tomo Veloso (UNIVAP)



Profa. Ana Karina De Castro Britto (UNIVAP)



Nota: 10,0

Profa. Dra. Ana Enedi Prince Silva

Diretora da Faculdade de Educação e Artes – FEA/UNIVAP

São José dos Campos, 4 de dezembro de 2025

DEDICATÓRIA

Às novas gerações, que crescem em um mundo cada vez mais conectado e fugaz. Que encontrem equilíbrio entre o digital e o real, sabedoria para discernir caminhos e coragem para expressar quem realmente são. Que este estudo contribua para inspirar reflexões que fortaleçam a autonomia, o senso crítico e a autenticidade ao longo da jornada de crescimento.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao nosso querido orientador, Professor Dr. Rodney, pela dedicação e motivação demonstradas durante todo o processo de elaboração deste trabalho. Agradeço também aos demais professores que estiveram presentes ao longo da minha trajetória nesta instituição de ensino e que, com sabedoria e responsabilidade, formam profissionais éticos e comprometidos com uma psicologia crítica e humanizada. Registro minha gratidão especial à Julia, com quem foi um prazer compartilhar esta experiência de pesquisa. Aos meus amigos e à minha família, agradeço profundamente por todo o suporte, compreensão e carinho, graças a esse apoio, fui capaz de superar todos os desafios que atravessaram o meu caminho. Em meio a tantos obstáculos, foi o amor e a fé deles que me mantiveram em movimento. Por fim, um agradecimento especial ao meu pai, que sempre me incentivou a sonhar alto e a buscar o meu melhor. Foi a partir desse homem amoroso e da sua crença em mim que encontrei minha paixão e hoje construo o meu caminho com o mesmo brilho que havia em seus olhos.

Ana Luiza Nascimento

Primeiramente, agradeço a Deus por me sustentar e conceder sabedoria, paz e alegria ao longo de toda esta trajetória. À minha família, pelo apoio constante, por cada gesto de amor e cuidado e por todas as orações. Aos professores que contribuíram imensamente para meu crescimento acadêmico e pessoal. Ao meu orientador, Prof. Dr. Rodney, pela orientação e pela disposição contínua em acompanhar cada etapa deste trabalho. À minha dupla de TG, Ana, pela parceria e pela presença nos altos e baixos de todo o processo. Aos meus queridos amigos, que tornaram este percurso mais leve e significativo. Em especial, Yan, Jeremy, Nathalie, Vivian, Elisabeth e Isabela, pela amizade sincera, pelas conversas essenciais e pelo apoio diante dos desafios. A todos que, de alguma forma, contribuíram para que este momento fosse possível, deixo minha sincera gratidão.

Julia Huang

"A tecnologia não apenas faz coisas por nós.
Ela faz coisas conosco, mudando não apenas
o que fazemos, mas quem somos."

TURKLE, Sherry.

RESUMO

A ascensão da internet e das mídias digitais transformou profundamente a sociedade, exercendo influência direta sobre as gerações mais jovens. Essa população, que se encontra em uma faixa etária na qual o desenvolvimento pessoal e a descoberta de si são tão importantes, pode ser impactada com a exposição às mídias digitais. Este estudo propôs-se a investigar o impacto da internet e mídias sociais na construção da identidade na adolescência, fase destacada como fundamental para a criação da identidade e construção subjetiva do sujeito. Por meio de uma revisão de literatura narrativa, buscou-se identificar evidências que relacionem o uso das redes sociais a possíveis prejuízos ou transformações no processo de autoconhecimento e formação de valores. O estudo, de caráter qualitativo e exploratório, também objetivou discutir o papel da Psicologia diante desse cenário contemporâneo. Os resultados apontam que as mídias sociais exercem influência significativa na formação da identidade e nas relações interpessoais dos adolescentes, e que, ao mesmo tempo em que promovem espaços de expressão e pertencimento, podem intensificar comparações, inseguranças e uma crescente falta de autenticidade nas formas de se apresentar e perceber a si mesmo. Conclui-se que a Psicologia desempenha papel fundamental na compreensão desses fenômenos e na proposição de estratégias que incentivem o uso crítico e saudável das redes sociais, promovendo o desenvolvimento integral e o fortalecimento da identidade dos adolescentes em meio à era digital.

Palavras-chave: Internet; Identidade; Mídias Sociais; Adolescência.

ABSTRACT

The rise of the internet and digital media has profoundly transformed society, exerting a direct influence on younger generations. This population, in a stage of life where personal development and self-discovery are crucial, can be significantly affected by exposure to digital media. This study aimed to investigate the impact of the internet and social media on identity formation during adolescence, a period considered fundamental for the formation of identity and the subjective development of the individual. Through a narrative literature review, the research sought to identify evidence linking the use of social media to potential impairments or transformations in the processes of self-knowledge and value formation. As a qualitative and exploratory study, it also aimed to discuss the role of Psychology in addressing this contemporary phenomenon. The findings indicate that social media exert a significant influence on adolescents' identity formation and interpersonal relationships and that, while these platforms provide spaces for expression and belonging, they can also intensify comparisons, insecurities, and a growing lack of authenticity in self-presentation and self-perception. It is concluded that Psychology plays a fundamental role in understanding these phenomena and in proposing strategies that encourage critical and healthy use of social networks, fostering adolescents' integral development and the strengthening of their identities in the digital era.

Keywords: Internet; Identity; Social Media; Adolescence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3 MÉTODO	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
4.1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA	16
4.2 OS IMPACTOS DA INTERNET E MÍDIAS SOCIAIS NA IDENTIDADE DOS ADOLESCENTES	21
4.3 COMO A PSICOLOGIA PODE CONTRIBUIR POSITIVAMENTE DIANTE DOS IMPACTOS DA INTERNET E MÍDIAS SOCIAIS NA IDENTIDADE DOS ADOLESCENTES?.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

A ascensão da internet e a disseminação ampla das mídias sociais têm redefinido drasticamente a experiência adolescente na sociedade, visto que, o uso exacerbado delas tornou-se uma realidade intrínseca à vida contemporânea, moldando radicalmente a forma como os indivíduos interagem, estudam, trabalham e se conectam globalmente (Young; Abreu, 2019, *apud* Cantero; Meurer; Vogt, 2024).

Tal fenômeno não apenas transformou a forma como os jovens se comunicam e aprendem, mas também levanta questões profundas sobre seus impactos no desenvolvimento psicológico, social e identitário dessa população. Diante disso, faz-se necessário compreender o contexto de origem da internet e os fatores que contribuem para a crescente imersão dos indivíduos em um mundo digital que permeia diversas esferas da vida cotidiana.

A internet teve sua origem no contexto da Guerra Fria, com o objetivo de criar uma rede de computadores que facilitasse o compartilhamento de informações, revolucionando assim, aspectos experienciais como a distância, os recursos e a rigidez temporal (Oliveira, 2017). Desde sua origem como uma ferramenta de comunicação, ela expandiu-se rapidamente para se tornar um espaço multifacetado onde indivíduos de todas as idades passam cada vez mais tempo. Isso se dá também pela atual economia, que impulsionou a comercialização da internet, transformando-a em uma plataforma vital para o comércio, publicidade e entretenimento. Esta expansão trouxe consigo novos modelos de negócios baseados em dados e um ambiente digital altamente competitivo, incentivando o consumo constante de conteúdo online.

Ademais, faz-se necessário destacar a pandemia de COVID-19 como fator que influenciou significativamente e fortificou a relação do ser humano com a tecnologia, especialmente no uso das mídias sociais. Isso é visto, pois, durante a pandemia, especialmente em tempos de quarentena e isolamento social, as redes sociais tornaram-se a principal forma de contato social, estudo, lazer e recebimento de informações, acelerando a migração de atividades cotidianas para o ambiente online. Segundo Cauberghe *et al.* (2020 *apud* Fiamenghi-Jr; Cerantola, 2021), para muitos adolescentes, as redes sociais foram usadas como estratégias para se adaptarem a

essa nova realidade, ajudando a mitigar sentimentos de solidão e proporcionando uma forma de manter contato com outras pessoas.

Sendo assim, o uso indiscriminado da internet e mídias sociais não representa apenas uma evolução tecnológica, mas também um reflexo de transformações socioeconômicas e eventos históricos marcantes, como o avanço do capitalismo globalizado e a pandemia de COVID-19 (Vieira; Dian, 2023). Tendo isso em vista, surge o questionamento sobre quais os impactos causados por esse fenômeno tecnológico na vida da população adolescente. Principalmente em relação à construção de sua identidade, visto que, as experiências online, mediadas por interações sociais e culturais, se entrelaçam com os fatores intrapessoais.

Segundo Erikson (1972), a identidade é composta por um conjunto de crenças, valores e princípios morais que constituem o indivíduo e moldam a construção de si mesmo. Ela é influenciada por fatores intrapessoais, ou seja, inatos do ser humano, por fatores interpessoais, relacionados às relações e interações pessoais e por fatores culturais, isto é, os materiais a que são expostas. Portanto, compreende-se que o processo de construção da identidade é dinâmico, logo que as influências externas, as relações sociais e o processo de conhecimento nunca cessam, caracterizando os indivíduos como seres adaptáveis e suscetíveis a constantes mudanças.

Ainda que a construção da identidade se caracterize como um processo longo e infundável, considera-se o período da adolescência de extrema importância na elaboração desta, por se tratar de uma fase marcada por mudanças sociais, pessoais e biológicas (Schoen-Ferreira *et al.*, 2003). Diante disso, torna-se evidente que os avanços tecnológicos, ao influenciarem diretamente o desenvolvimento e o comportamento dos jovens, também exercem impacto significativo na construção subjetiva de suas crenças e valores. Nesse contexto, a internet passou a desempenhar um papel central na formação da identidade, fomentando, entre outros aspectos, a necessidade de pertencimento e a busca por aprovação social (Silva; Gondim, 2022). Além disso, observa-se uma tendência crescente à reconstrução da própria imagem, fenômeno apontado pelos autores como uma consequência direta da interação constante com os padrões e validações presentes nas redes sociais.

Esta pesquisa propôs-se a explorar se há evidências de que o uso da internet e mídias sociais está associado a prejuízos no desenvolvimento e na construção identitária de adolescentes. Utilizando uma abordagem qualitativa e exploratória, este

estudo empregou uma revisão de literatura narrativa para investigar criticamente os impactos psicológicos dessa interação digital intensiva. Ao examinar cuidadosamente as evidências disponíveis, buscou-se não apenas compreender os desafios que a era digital apresenta para os jovens, mas também identificar estratégias eficazes na área da Psicologia para promover o uso consciente e equilibrado da internet entre os adolescentes imersos no ambiente digital.

O tema é necessário para destacar a importância de utilizar a internet e as mídias sociais de maneira cautelosa e crítica, especialmente no contexto atual permeado pelas tecnologias. Compreender como essas ferramentas digitais influenciam a construção da identidade na adolescência é essencial não apenas para a Psicologia, mas também para diversas outras áreas do conhecimento, com ênfase particular na pesquisa e na intervenção clínica. Ademais, o tema mostrou-se relevante por contribuir significativamente para o desenvolvimento do conhecimento e para a formação profissional dos estudantes envolvidos no projeto.

O presente trabalho foi estruturado em três subseções que contemplaram os objetivos específicos propostos. A primeira subseção, intitulada “A construção da identidade na adolescência”, aborda os aspectos biopsicossociais desse período do desenvolvimento humano, com base em autores clássicos e contemporâneos da Psicologia. A segunda, “Os impactos da internet e mídias sociais na identidade dos adolescentes”, analisa como os meios digitais influenciam o processo identitário dos jovens, considerando fatores como autoimagem, pertencimento e validação social. Por fim, a terceira subseção, “Como a psicologia pode contribuir positivamente diante dos impactos da internet e mídias sociais na identidade dos adolescentes?”, analisa o papel da Psicologia como ciência e prática na promoção da saúde mental e no enfrentamento dos desafios contemporâneos impostos à adolescência. São discutidas estratégias de intervenção preventiva e clínica, a importância do trabalho interdisciplinar em espaços como a escola e a família, e o papel ético-político do psicólogo nesse contexto. Dessa forma, as reflexões apresentadas contribuem significativamente para a compreensão do tema e abrem caminho para aprofundamentos futuros, reafirmando a relevância desta pesquisa no campo da Psicologia.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

O objetivo principal desta pesquisa foi investigar as repercussões das mídias digitais e uso da internet no processo de construção subjetiva e identitária do indivíduo, considerando principalmente o período da adolescência.

2.2 Objetivos Específicos

O presente trabalho objetivou também:

- a) Investigar a construção da identidade na adolescência;
- b) Investigar evidências dos impactos da internet e mídias sociais na identidade dos adolescentes;
- c) Apontar formas como a psicologia pode contribuir positivamente diante dos impactos investigados.

3 MÉTODO

Este trabalho adotou uma abordagem qualitativa, por buscar compreender fenômenos sociais subjetivos e não mensuráveis, relacionados ao impacto da internet e das mídias sociais na construção da identidade na adolescência. Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, uma vez que, por meio de uma revisão de literatura narrativa, buscou-se identificar evidências que sustentem a problemática proposta e fornecer novos conceitos sobre o tema.

As informações foram coletadas por meio de consultas a bases de dados acadêmicos, como Google Acadêmico e SciELO, além de obras de literatura clássica e outros livros relacionados ao tema. Foram utilizadas as palavras-chave: "identidade", "adolescência", "internet" e "mídias sociais" para orientar as buscas. Para a seleção das fontes, foram consideradas publicações em português que abordassem as temáticas centrais do estudo.

A narrativa foi construída com flexibilidade, permitindo o diálogo crítico entre as fontes e o tema proposto. Dessa forma, foi possível analisar se as evidências coletadas convergem com a problemática apresentada, bem como identificar lacunas na literatura. Esse processo possibilitou uma compreensão mais ampla e fundamentada sobre o impacto das tecnologias digitais na formação identitária dos adolescentes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo como base os objetivos apresentados, o texto foi dividido em três partes. Na primeira foi discutido o desenvolvimento da identidade na adolescência. Na sequência, como esta é impactada pelas mídias sociais. Por fim, foi analisado o papel do psicólogo frente a essa problemática.

4.1 A construção da identidade na adolescência

A adolescência é amplamente reconhecida como uma fase crítica no desenvolvimento humano, compreendida, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), como o período que abrange dos 10 aos 19 anos, e marcada por intensas transformações físicas, cognitivas, emocionais e sociais. Dentre os principais aspectos dessa fase está o processo de construção da identidade, que pode ser definida como a construção contínua e dinâmica de um senso de si, em que o indivíduo busca integrar diversas influências e se adaptar a diferentes contextos, como a interação com os outros, a busca por pertencimento e a incorporação de valores, crenças e normas sociais e culturais (Schoen-Ferreira *et al.*, 2003). Dessa forma, entende-se que a identidade não é um estado fixo, mas um processo em constante evolução, mediado pelas experiências vividas, relações sociais e interações com o ambiente. Erikson (1972) aponta ainda que esse processo envolve a consolidação de um senso de continuidade e coerência interna, baseado nas experiências passadas e nas projeções futuras, o que se torna ainda mais desafiador e complexo na adolescência, uma vez que os jovens se encontram em um cenário social de constante transformação, em que precisam experimentar diferentes papéis sociais e culturais, enquanto enfrentam dilemas sobre quem são e qual é seu lugar no mundo.

Diante disso, compreende-se que a construção identitária é um processo que envolve não apenas a definição de traços de personalidade e valores individuais, mas também uma negociação constante entre aquilo que o sujeito sente internamente e as expectativas externas impostas por seu contexto sociocultural (Erikson, 1972). Segundo Lepre (2000), o adolescente passa por um período de instabilidade e conflito interno, em que se distancia das referências da infância e passa a buscar modelos e grupos com os quais possa se identificar. Nesse percurso, os grupos de referência

exercem uma função essencial, servindo como espelhos e fontes de validação, possibilitando que o jovem se reconheça e se construa a partir da imagem que o outro lhe devolve. Essa dinâmica remete ao conceito de “estádio do espelho”, proposto por Lacan (1998), segundo o qual a identidade do sujeito se estrutura a partir do reconhecimento de si no outro. Analogamente, o adolescente busca nos grupos sociais uma imagem que confirme e organize sua percepção de quem é. Lepre (2000) destaca, ainda, que o sentimento de pertencimento a determinados grupos contribui para a formação de uma identidade social e para a sensação de aceitação, que é fundamental para a consolidação de uma autoimagem positiva.

Além disso, esse processo não ocorre de forma isolada, mas em constante diálogo com o meio sociocultural em que o adolescente está inserido. A sociedade, por meio de instituições, discursos e práticas, impõe normas, valores e expectativas que moldam as possibilidades de identificação dos indivíduos e delimitam os caminhos disponíveis para a construção de si. Nesse cenário, os adolescentes se veem constantemente desafiados a fazer escolhas sobre quais aspectos incorporar em sua identidade e quais rejeitar, em um movimento contínuo de afirmação e diferenciação (Silva; Gondim, 2022). Isso significa que, ao mesmo tempo em que os jovens buscam afirmar aqueles elementos de si mesmos que consideram essenciais para sua identidade, também se distanciam de padrões e expectativas que não ressoam com suas experiências e valores.

Ademais, Schoen-Ferreira *et al.* (2003) apontam que a construção da identidade na adolescência se manifesta por meio de rupturas e reconstruções, elementos intrínsecos ao processo de autoconhecimento e autoafirmação. Nesse contexto, as rupturas representam as crises e mudanças nas concepções que o adolescente tem de si mesmo e do mundo, provocadas pela necessidade de se afastar de padrões anteriores e experimentar novas formas de ser. Como resultado, ocorre a revisão de valores familiares, sociais e até mesmo culturais, à medida que o jovem questiona sua identidade anterior e se vê diante da necessidade de reinvenção. As reconstruções, por sua vez, são os momentos em que o adolescente começa a integrar essas novas experiências e reflexões em uma identidade mais plural, complexa e amadurecida. Embora esse processo possa gerar inseguranças, os autores destacam que é fundamental para o desenvolvimento emocional, pois permite ao jovem enfrentar as incertezas de forma mais adaptativa. Assim, a adolescência

configura-se como um período marcado pela experimentação de diferentes estilos de vida, crenças, posicionamentos políticos e papéis sociais, os quais contribuem para a definição de um projeto de vida e para o fortalecimento de uma identidade singular e autêntica.

Dentro dessa dinâmica de constante transformação, Erikson (1972) descreve a adolescência como uma fase marcada pela crise de identidade em contraste com a confusão de papéis. O autor ilustra a dualidade enfrentada pelos adolescentes, entre alcançar um senso consolidado de si e se perder em meio à multiplicidade de possibilidades e pressões externas. A resolução positiva dessa crise ocorre quando o adolescente consegue integrar suas experiências passadas com suas projeções de futuro, o que resulta na formação de uma identidade coesa e estável. No entanto, quando essa integração não se dá de forma saudável, surgem sentimentos de insegurança, desorientação e enfraquecimento da autoestima, fatores que dificultam as relações interpessoais e o sentido de pertencimento (Erikson, 1972).

A forma como o adolescente vivencia essa crise e busca resolvê-la, contudo, não se dá de maneira uniforme ou previsível. Cada sujeito experimenta o mundo e a si mesmo de forma singular, influenciado por uma rede complexa de fatores emocionais, familiares, sociais e culturais. Fiamenghi-Jr e Cerantola (2021) apontam que a subjetividade do adolescente é marcada por um intenso processo de ressignificação, no qual elementos oriundos do contexto familiar, da convivência escolar e das dinâmicas sociais mais amplas entrelaçam-se com as experiências emocionais, produzindo formas únicas de ser e estar no mundo. Assim, a identidade não se constroi apenas a partir de estruturas externas impostas, mas também a partir da maneira como o jovem interpreta, reage e se posiciona diante dessas estruturas.

Nesse sentido, o grupo social ao qual o adolescente pertence desempenha um papel crucial nesse processo de construção identitária. Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silves (2003) enfatizam que a socialização secundária, especialmente por meio da inserção em grupos de convivência como os grupos de amigos, atua como espaço significativo de novos vínculos afetivos e identificações que complementam e, muitas vezes, reconfiguram aquelas adquiridas na socialização primária. Pinto (2015) reforça essa perspectiva ao destacar que os grupos de convivência oferecem ao jovem não apenas um senso de pertencimento, mas também uma estrutura de referência para interpretar o mundo e se posicionar diante das exigências da sociedade. Assim, esses

grupos funcionam como suportes simbólicos diante das ansiedades e dúvidas características da adolescência, oferecendo modelos de comportamento, linguagem e valores que podem ser assumidos ou rejeitados pelo sujeito em seu movimento de constituição identitária.

Adicionalmente, Aronson (1979) afirma que, muitos adolescentes tendem a adotar comportamentos que desafiam normas sociais ou envolvem certo grau de risco como uma tentativa de obter aceitação e reconhecimento dentro de seus grupos de referência. Tais condutas, frequentemente interpretadas como simples rebeldia, são, nesse contexto, estratégias de afirmação identitária que expressam a busca por visibilidade e distinção em um contexto de intensas transformações internas e externas. Esse movimento pode incluir práticas como o uso de substâncias, a exposição deliberada a situações perigosas, o engajamento em comportamentos desafiadores ou ao engajamento em grupos com práticas e discursos transgressores, como formas de fortalecer o sentimento de pertencimento e individualidade.

A série *Adolescência*, da Netflix, retrata de forma sensível essa dinâmica, ao retratar adolescentes que, em meio a contextos sociais diversos, encontram nos grupos transgressores uma forma de expressar sua identidade. Isso é visto no personagem principal, que se envolve com grupos *online* que, em muitas situações, propagam visões distorcidas sobre relações de gênero, masculinidade e o papel do indivíduo na sociedade. Esses movimentos, muitas vezes criticados por seu discurso misógino e elitista, acabam sendo um reflexo da busca do adolescente por uma identidade sólida em uma sociedade que se apresenta cada vez mais complexa e polarizada. Essa busca dialoga com a reflexão de Bauman (2001) sobre a passagem da modernidade sólida para a líquida, em que os vínculos sociais e os referenciais identitários se tornaram instáveis e fluidos. Nesse contexto, o desejo por uma identidade estável e coerente surge como uma tentativa de resistir à incerteza e à volatilidade características da contemporaneidade. Ao se conectar com esses grupos, o jovem tenta encontrar um sentido de pertencimento e validação, adotando uma visão de mundo que parece oferecer respostas rápidas para as questões existenciais que o atormentam. No entanto, esse envolvimento com discursos radicais e transgressores não só reflete o desejo de afirmação individual, mas também evidencia os riscos de uma identidade que se forma em oposição aos valores estabelecidos pela sociedade, sem a devida reflexão crítica sobre as consequências dessas escolhas.

Considerando tudo isso, torna-se imprescindível refletir sobre os novos elementos que passaram a integrar o processo de construção da identidade na adolescência, especialmente com o avanço da tecnologia, internet e, especialmente, das mídias sociais. Nesse novo cenário, os ambientes virtuais passaram a compor o repertório cotidiano dos jovens, oferecendo novos espaços de interação, pertencimento e experimentação de si. Como destacam Gouveia e Lopes (2020), a identidade, que antes era estruturada majoritariamente nas interações presenciais e em instituições como a família e a escola, hoje se expande e se diversifica nas múltiplas redes sociais digitais, onde o adolescente pode explorar diferentes versões de si mesmo de maneira mais livre e fluida. Essa multiplicidade de possibilidades faz com que o sujeito adolescente se depare com uma pluralidade de discursos, estilos de vida, referências culturais e valores morais que influenciam diretamente sua percepção de si e do outro.

Dessa forma, o processo de construção da identidade na contemporaneidade não pode ser compreendido sem considerar os contextos digitais como parte integrante das experiências adolescentes. Como afirmam Gouveia, Miranda e Soares (2019), o *eu* que emerge das redes é múltiplo e atravessado por lógicas de pertencimento, consumo e diferenciação, refletindo a complexidade do mundo contemporâneo e as novas formas de vivenciar a juventude.

Nesse sentido, Forbes (2005), em *Psicanálise do Homem Desbussolado*, aponta uma sociedade pós-moderna caracterizada pelas múltiplas opções e ilimitadas direções, resultando na ausência de referenciais fixos. No contexto digital, essa característica torna-se ainda mais evidente, diante do fácil e ilimitado acesso a todos os tipos de conteúdo. Assim, o “homem desbussolado” é fruto do enfraquecimento das referências simbólicas que antes “orientavam” sua identidade. O autor ainda descreve que, em vez de uma sociedade vertical, sustentada por hierarquias, tradições e valores sólidos, o *eu* contemporâneo vive em uma estrutura social horizontal, em que as referências são simétricas, frágeis e facilmente descartáveis.

Em suma, a adolescência continua sendo um período essencial para a consolidação da identidade, mas, nos dias de hoje, ela é profundamente atravessada pelas dinâmicas do mundo digital. Nesse contexto, torna-se imprescindível compreender esses novos modos de subjetivação e investigar os impactos causados pela internet e pelas mídias sociais na formação da identidade dos adolescentes.

Diante disso, o próximo capítulo propõe-se a analisar evidências desses impactos, explorando como as mídias sociais contribuem para a construção da identidade dos jovens na contemporaneidade.

4.2 Os impactos da internet e mídias sociais na identidade dos adolescentes

Diante do que foi discutido na subseção anterior sobre o processo de construção da identidade na adolescência, torna-se imprescindível abordar o papel que a internet e, especialmente, as mídias sociais, exercem na dinâmica contemporânea desse processo. Como evidenciado por Castells (2009), as redes digitais deixaram de ser apenas mediadoras da comunicação humana para tornarem-se agentes ativos na formação da identidade. Elas oferecem plataformas interativas em que os indivíduos podem se apresentar, experimentar papéis sociais e buscar reconhecimento. Para adolescentes, esse espaço torna-se um verdadeiro palco de visibilidade e performance, características marcantes dessa fase do desenvolvimento, conforme já discutido por Erikson (1972).

Nesse sentido, Silva e Gondim (2022) destacam que o contato contínuo com as redes sociais influencia diretamente as relações interpessoais e interfere na forma como os jovens percebem e expressam sua identidade. Em busca de pertencimento, muitos adolescentes ajustam suas atitudes e comportamentos com base no retorno obtido em suas publicações, seja por meio de curtidas, comentários ou compartilhamentos. Esse processo pode levar à constituição de uma identidade baseada em expectativas externas e menos em reflexões internas, o que torna a formação identitária mais instável e vulnerável à aprovação social.

O ambiente digital, conforme observa Buckingham (2011), também amplia as possibilidades de experimentação identitária. Jovens podem construir narrativas sobre si mesmos a partir das imagens, textos e vídeos que decidem compartilhar ou ocultar. Entretanto, essa liberdade vem acompanhada da exigência de habilidades críticas e reflexivas, visto que o excesso de exposição e a busca por validação podem intensificar a ansiedade, a dependência da opinião alheia e a dificuldade de desenvolver uma identidade autêntica (Cantero; Meurer; Vogt, 2024).

Nesse contexto, compreender os impactos das mídias sociais na identidade adolescente requer olhar tanto para os riscos quanto para as possibilidades. Se, por

um lado, esses ambientes digitais podem fragilizar a construção identitária, por outro, também é visto que possibilitam acesso à diversidade cultural, à autoexpressão e ao pertencimento, especialmente para jovens que não encontram acolhimento em seus contextos imediatos. A identidade, como apontam Schoen-Ferreira *et al.* (2003), se constrói na tensão entre o individual e o coletivo, entre os valores internos e os estímulos externos. No cenário digital, essa tensão assume novas formas, ampliando o leque de possibilidades, mas também criando novos desafios.

Ademais, Fiamenghi-Jr e Cerantola (2021) enfatizam que durante a pandemia de COVID-19, o uso dessas plataformas foi intensificado como ferramenta de enfrentamento ao isolamento. Essa migração de relações sociais para o ambiente virtual acentuou a comparação social, a exposição excessiva e a pressão por comportamentos e aparências idealizados. Tal contexto impactou diretamente a autoestima dos adolescentes e tornou ainda mais visível o papel das mídias digitais na subjetividade juvenil.

Esse fenômeno é reforçado por Cantero, Meurer e Vogt (2024), que alertam para os conflitos identitários que surgem quando os jovens se deparam com ideais inatingíveis nas redes. A constante visualização de influenciadores, corpos perfeitos e estilos de vida irreais pode gerar sentimentos de inadequação e insuficiência, comprometendo o autoconhecimento e o bem-estar psíquico. Diante disso, a identidade passa a ser moldada não apenas pelo desejo de pertencimento, mas também pelo medo de exclusão e pela necessidade de aceitação constante.

Nesse aspecto, Lepre (2000) recorda que a construção da identidade envolve tanto o mundo interno quanto os elementos do meio social. Assim, quando o meio social é mediado por tecnologias que promovem imagens editadas, estilos de vida irreais e relações superficiais, há um risco concreto da identidade construída nesse espaço ser frágil e desconectada da realidade vivida.

A obra *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury (1953), funciona como uma analogia crítica ao modo como a tecnologia pode ser utilizada de forma alienante. No universo distópico apresentado, as “telas” ocupam papel central na vida das pessoas, substituindo o contato humano e o pensamento crítico por entretenimento superficial e consumo passivo. Na obra, é visto que o empobrecimento da subjetividade e a padronização das vivências são traços marcantes dessa sociedade fictícia e, quando

comparados ao cenário contemporâneo, levantam questionamentos sobre o lugar do sujeito em meio ao excesso de estímulos e à cultura da performance.

Plataformas como *Instagram* e *TikTok*, por exemplo, privilegiam conteúdos rápidos, imagens idealizadas e narrativas editadas, o que pode reduzir o espaço para a introspecção e dificultar a construção de uma identidade consistente. A busca por curtidas e seguidores pode substituir a busca por sentido e autenticidade, deslocando o foco da experiência vivida para a experiência exibida.

Ainda que as plataformas digitais ofereçam novos espaços de pertencimento e autodeclaração para os adolescentes, é fundamental examinar os dados empíricos que demonstram as consequências do uso excessivo das mídias sociais para o desenvolvimento da identidade juvenil. De acordo com os resultados do *TIC Kids Online 2023*, pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2023), 97% dos adolescentes de 13 a 17 anos no Brasil têm acesso à internet, com um uso predominantemente voltado para redes sociais e aplicativos de mensagens. Entre as redes sociais mais populares, o *WhatsApp*, *Instagram* e *TikTok* se destacam, com o *Instagram* sendo o principal espaço de interação para a maioria dos adolescentes. A pesquisa aponta, ainda, que 77% dos adolescentes brasileiros afirmam usar as redes sociais para se conectar com amigos e familiares, enquanto 52% as utilizam para compartilhar aspectos de sua vida cotidiana.

A *TIC Kids Online 2023* também revela que o uso excessivo de plataformas digitais, especialmente durante a pandemia, tem sido associado ao aumento de comportamentos sedentários, dificuldades de sono e uma diminuição na interação face a face, fatores que afetam diretamente a saúde mental dos jovens. Além disso, a pesquisa exhibe um número crescente de adolescentes que relata sentir-se pressionado a atender a padrões de beleza e sucesso amplamente divulgados nas redes sociais. Segundo os resultados, a pressão para se ajustar a esses padrões está associada a uma maior prevalência de sintomas de ansiedade, depressão e insatisfação corporal.

Esses dados reforçam a necessidade de se compreender a internet não apenas como ferramenta, mas como um espaço social e simbólico determinante na construção da subjetividade. Maciel e Franco (2024) enfatizam que adolescência, por ser uma fase caracterizada pela busca de identidade, é especialmente sensível a influências externas, principalmente aquelas que promovem modelos de sucesso,

beleza e comportamento idealizado. Diante disso, os conteúdos virais, repetitivos e altamente estimulantes visualmente das redes sociais têm contribuído para a internalização de padrões homogêneos de aparência e estilo de vida.

Essa homogeneização identitária, como alertam as autoras, pode limitar a autonomia dos sujeitos em relação à própria construção de si. Quando o adolescente se vê compelido a se encaixar em modelos previamente validados por curtidas e seguidores, o processo de individuação se enfraquece, gerando uma identidade que tende à cópia e à performance, em detrimento da singularidade e da introspecção (Maciel; Franco, 2024).

Debord (1997), em sua obra *A Sociedade do Espetáculo*, argumenta que, na sociedade moderna, a experiência vivida é substituída pela representação, ou seja, o indivíduo não vive diretamente os acontecimentos, mas consome suas imagens. Nesse sentido, as mídias sociais passam a operar como vitrines simbólicas, onde o sujeito se exhibe e observa os outros, o que, segundo Maciel e Franco (2024) fomenta um ciclo de comparação constante e insatisfação subjetiva. Sendo assim, a construção da identidade passa a ocorrer de forma fragmentada, composta por pedaços de experiências que são tornadas públicas, com o intuito de gerar reconhecimento imediato. É visto então que essa dinâmica performática pode comprometer o processo de autoaceitação e de desenvolvimento de um *eu* coerente e contínuo ao longo do tempo.

Outro aspecto relevante diz respeito à performatividade das identidades digitais. Através das redes sociais, os adolescentes podem adotar diferentes posturas e estilos dependendo da plataforma, da audiência ou do momento vivido. Enquanto essa multiplicidade pode ser vista como uma forma de liberdade e experimentação, ela também pode gerar conflitos internos, especialmente quando há um descompasso entre a identidade virtual e a identidade real. Conforme aponta Turkle (2011), viver entre múltiplas personas digitais pode dificultar o reconhecimento do verdadeiro *self*, levando o jovem a uma espécie de dissociação entre o que ele é e o que ele projeta ser.

No entanto, o mesmo ambiente digital que pode provocar sentimentos de inadequação e dependência também pode funcionar como um espaço de descoberta, de expressão criativa e de afirmação identitária, desde que mediado por processos de reflexão crítica e apoio psicossocial adequado (Cantero; Meurer; Vogt, 2024). Essa

ambivalência entre oportunidade e risco é o que torna tão complexa a análise dos impactos das mídias sociais na formação da identidade adolescente. Pois, ao mesmo tempo em que há relatos crescentes de sofrimento psíquico associado ao uso intensivo das plataformas, também se identificam movimentos de empoderamento, produção de conteúdo crítico e engajamento coletivo em pautas sociais por parte dos adolescentes.

Cabe, portanto, considerar que o impacto das mídias sociais sobre a identidade dos adolescentes é um fenômeno multidimensional, que depende de uma série de variáveis contextuais e subjetivas. Elementos como o suporte familiar, as habilidades digitais e as vivências emocionais e sociais influenciam diretamente a maneira como cada jovem interage com as redes e é por elas afetado (Silva; Gondim, 2022).

Diante disso, torna-se fundamental refletir sobre estratégias para capacitar os adolescentes no desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas frente ao uso das mídias sociais. Isso envolve tanto a compreensão dos impactos psicológicos e sociais do ambiente digital quanto a promoção de um autoconhecimento que os permita se proteger de pressões externas e construir uma identidade mais sólida, saudável e autêntica.

Em síntese, as mídias sociais representam hoje um campo de disputa simbólica no qual se entrelaçam desejos, expectativas, frustrações e possibilidades. A identidade adolescente, por sua vez, emerge como um processo contínuo de construção e reconstrução nesse ambiente dinâmico e multifacetado. Compreender essa realidade é fundamental não apenas para a formulação de estratégias de acolhimento e intervenção junto aos jovens, mas também para repensar, de forma ética e crítica, como a sociedade está moldando os espaços digitais e quais valores estão sendo promovidos ou silenciados nas práticas cotidianas de interação online. Assim, o próximo capítulo se dedicará à discussão de que maneira a Psicologia pode contribuir de forma positiva e ética para lidar com os impactos investigados.

4.3 Como a psicologia pode contribuir positivamente diante dos impactos da internet e mídias sociais na identidade dos adolescentes?

Os impactos causados pela internet e pelas mídias sociais nos adolescentes são uma temática de extrema relevância, sobretudo considerando o fato de que essa

geração, muitas vezes referida como geração *alfa*, é a primeira a crescer inteiramente imersa em ambientes digitais (Tapscott, 2009). Diante dessa realidade, Silva, Silva e Veloso (2024) trazem que a nova geração vivencia um paradoxo, pois, ao mesmo tempo em que está hiperconectada, há uma carência profunda de vínculos simbólicos e afetivos sólidos, resultando em sentimentos de desconexão, angústia e desesperança.

Isso ocorre, segundo Bauman (2001), por viverem em uma sociedade líquida, marcada pela instabilidade das relações e pela efemeridade dos vínculos. Nas redes sociais, a liquidez manifesta-se na constante substituição de conteúdos, amizades e experiências, as quais são descartadas com a mesma rapidez com que são acessadas ou consumidas. Essa lógica do consumo nas relações humanas, intensificada pela internet e mídias sociais, tornam os laços frágeis e descartáveis, comprometendo a construção de uma identidade sólida e de uma percepção estável de si mesmo no mundo (Bauman, 2001). É possível perceber, portanto, que a identidade do adolescente contemporâneo é forjada em meio a múltiplas tensões: a busca por pertencimento e reconhecimento social, as drásticas mudanças biopsicossociais e a vivência em uma cultura digital marcada pela aparência e pela instabilidade.

Sob essa perspectiva, torna-se relevante refletir sobre a dificuldade que muitos adolescentes têm em sustentar-se emocionalmente sem o olhar do outro. Winnicott (1983) descreve a “capacidade de estar só” como um importante marco do amadurecimento psíquico, que se estabelece quando o indivíduo sente-se seguro mesmo na ausência física de figuras significativas, apoiado na presença internalizada de um “objeto bom”. Quando essa capacidade não é plenamente desenvolvida, o sujeito tende a buscar continuamente validação e reconhecimento externos.

Essa compreensão é reforçada por Silva, Silva e Veloso (2024), que observam que a solidão psíquica está associada à fragilidade do *eu* e à dificuldade de elaborar a ausência, aspectos que potencializam o sofrimento emocional. Os autores destacam ainda que, o uso excessivo de dispositivos digitais pode comprometer a capacidade de experienciar a solidão de modo saudável. A partir das teorias de Winnicott, explicam que a vivência de uma solidão serena e criativa é fundamental para o fortalecimento do *eu* e para o desenvolvimento emocional, pois permite ao sujeito integrar impulsos e construir um sentido de independência. Na contemporaneidade,

entretanto, a constante presença de estímulos digitais e a ausência de momentos de introspecção dificultam essa experiência, contribuindo para uma sensação de desconexão interna e fragilidade psíquica. Assim, compreender o conceito winnicottiano de “capacidade de estar só” à luz das reflexões contemporâneas sobre a solidão digital permite à Psicologia ampliar a compreensão dos processos de subjetivação na era tecnológica, favorecendo o fortalecimento do *eu*, da autonomia e de uma identidade mais sólida e autêntica.

Essa base teórica fornece subsídios importantes para a atuação psicológica, que assume papel fundamental não apenas na compreensão desses fenômenos, mas também na promoção de recursos internos que possibilitem ao adolescente lidar de forma mais equilibrada com as demandas do mundo digital. Cabe ao psicólogo atuar no desenvolvimento da capacidade reflexiva, na ampliação da consciência crítica e na promoção de espaços de escuta que favoreçam a elaboração simbólica das experiências *online* e *offline*. Mais do que patologizar o sofrimento adolescente, é necessário compreender suas causas sociais, culturais e afetivas, a fim de propor estratégias de cuidado e prevenção.

Um dos principais desafios postos à Psicologia não está na ausência de produções científicas, mas na necessidade de que essas investigações acompanhem as rápidas transformações do ambiente digital e da população adolescente. Apesar de o conceito de adolescência ter ganhado destaque nas ciências humanas ao longo do século XX (Tourette, 2009), ainda há uma lacuna em relação à compreensão das novas formas de subjetivação juvenil no ambiente digital. A adolescência atual não é mais a mesma vivida há algumas décadas, visto que se trata de uma fase que está em constante transformação, atravessada por fenômenos sócio-tecnológicos inéditos. Como afirma Schoen-Ferreira *et al.* (2003), a adolescência é um período crítico do desenvolvimento humano que influencia não apenas a trajetória do indivíduo, mas também a dinâmica social como um todo.

Além das intervenções diretas com adolescentes, a Psicologia também pode contribuir por meio de ações interdisciplinares, colaborando com profissionais da educação, saúde e assistência social. Essa atuação conjunta favorece a construção de redes de apoio mais efetivas, que contemplem não apenas as dimensões individuais, mas também os contextos sociais e familiares em que os jovens estão inseridos.

Outro ponto importante diz respeito ao desenvolvimento do pensamento crítico diante das mídias sociais. Com base no conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) da teoria de Vygotsky (2007), é possível compreender que muitos adolescentes ainda não desenvolveram recursos psíquicos suficientes para avaliar criticamente os conteúdos que consomem ou os padrões que são impostos nas redes. Segundo o autor, há uma distância entre aquilo que o sujeito já é capaz de realizar de forma autônoma e aquilo que pode realizar com o apoio de alguém mais experiente. Nesse contexto, a Psicologia atua como uma mediação que auxilia o adolescente a transitar da zona de desenvolvimento real (o que a pessoa consegue fazer sozinha) para a potencial (o que ela consegue fazer com a ajuda de alguém mais experiente), promovendo a construção de habilidades críticas frente às exigências do ambiente digital. Essa mediação favorece a formação de uma consciência crítica, ajudando os jovens a reconhecerem e interpretarem os mecanismos de comparação social, idealização e busca por validação característicos das plataformas virtuais.

Ademais, a escuta qualificada do psicólogo permite identificar os sinais precoces de sofrimento psíquico que podem ser intensificados pelas mídias sociais, como sintomas de ansiedade, depressão, transtornos alimentares e comportamentos autolesivos. Quando reconhecidos precocemente, esses sinais permitem intervenções mais efetivas, promovendo o cuidado em saúde mental antes que o quadro se agrave. Esse acompanhamento contínuo também favorece a criação de vínculos terapêuticos sólidos, os quais são fundamentais para que o adolescente se sinta acolhido e compreendido em sua subjetividade (Winnicott, 1983).

Em suma, a Psicologia desempenha um papel estratégico ao lidar com os impactos das mídias sociais na identidade adolescente, tanto na perspectiva preventiva quanto interventiva. Ao integrar diferentes abordagens (clínica, educacional, comunitária e institucional), a prática psicológica contribui para fortalecer os recursos internos dos jovens, ampliar suas possibilidades de expressão e fomentar processos identitários mais saudáveis e autênticos. Dessa forma, promove-se não apenas o bem-estar individual, mas também o desenvolvimento de uma geração mais consciente, crítica e emocionalmente equilibrada diante dos desafios contemporâneos.

Nesse contexto, destaca-se também o papel essencial da escola como espaço privilegiado para a promoção da saúde mental e do desenvolvimento integral dos

adolescentes. A presença de profissionais da Psicologia no ambiente escolar contribui para a criação de estratégias preventivas e de intervenção diante dos desafios emocionais que permeiam a adolescência contemporânea. De acordo com a Resolução CFP nº 002/2019, o psicólogo escolar deve atuar não apenas em situações de crise, mas de forma contínua e integrada ao processo educativo, promovendo ações que visem ao fortalecimento das relações interpessoais, ao acolhimento de demandas emocionais e ao apoio no processo de aprendizagem.

Outro aspecto relevante é a psicoterapia como recurso clínico individualizado, que oferece um espaço protegido de escuta, acolhimento e reflexão. A abordagem clínica possibilita ao adolescente elaborar conflitos internos, desenvolver estratégias de enfrentamento e ressignificar experiências que, muitas vezes, são intensificadas pelas vivências no ambiente digital. Segundo Winnicott (1983), a possibilidade de existir em um ambiente suficientemente bom permite ao sujeito desenvolver-se de maneira saudável, favorecendo o amadurecimento emocional. Na adolescência, tal espaço é crucial, pois os impasses identitários e sentimentos de inadequação são ampliados tanto pelas exigências sociais quanto pelas comparações nas redes.

Além disso, a Psicologia pode contribuir com a formação de pais e cuidadores, oferecendo orientações que promovam uma mediação adequada do uso das tecnologias. A parentalidade consciente, conceito desenvolvido por Siegel e Hartzell (2014), enfatiza a importância do vínculo afetivo, da escuta empática e do estabelecimento de limites coerentes para o desenvolvimento emocional das crianças e adolescentes. Famílias que compreendem os impactos do mundo digital sobre seus filhos e participam ativamente da educação emocional contribuem para o fortalecimento da autoestima e da construção de uma identidade mais sólida.

Por fim, é fundamental mencionar o compromisso ético da Psicologia com a transformação social. Ao reconhecer os efeitos das desigualdades, do racismo, da misoginia e outras formas de violência simbólica sobre o desenvolvimento adolescente, a Psicologia assume uma postura crítica e comprometida com os direitos humanos. A atuação junto a movimentos sociais, coletivos juvenis e espaços comunitários amplia a presença do psicólogo para além dos consultórios e escolas, promovendo a escuta ativa, a valorização das narrativas juvenis e a construção de alternativas coletivas para o enfrentamento do sofrimento psíquico (Yasui, 2010).

Dessa forma, a Psicologia se apresenta como campo de conhecimento e

prática essencial para compreender e intervir nas complexas relações entre adolescência, identidade e mídias sociais. Seja através de ações clínicas, educativas ou sociais, o papel do psicólogo é promover saúde mental, acolhimento e transformação, contribuindo para que os adolescentes possam desenvolver-se de maneira crítica, autêntica e emocionalmente equilibrada em um mundo cada vez mais mediado pela tecnologia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, que se propôs a investigar a influência da internet e das mídias sociais na construção da identidade na adolescência, revelou-se pertinente e necessária frente aos desafios impostos pela contemporaneidade. Com base na literatura científica e em referenciais teóricos clássicos e atuais, como Erikson, Bauman e outros, foi possível compreender que a identidade do adolescente é constituída em um processo complexo, dinâmico e profundamente influenciado pelo contexto sociocultural. A adolescência, enquanto fase do desenvolvimento marcada por intensas transformações biopsicossociais, torna-se ainda mais desafiadora diante de um cenário digital hiperconectado, no qual as relações interpessoais, as representações de si e os sentimentos de pertencimento estão mediadas por lógicas de exposição, comparação e validação constante.

As análises demonstraram que as mídias sociais, ao mesmo tempo em que oferecem espaços para expressão, pertencimento e construção de vínculos, também podem intensificar sentimentos de inadequação, ansiedade, solidão e insegurança. A identidade adolescente passa a ser moldada em meio a estímulos excessivos, imagens idealizadas e padrões inalcançáveis, dificultando a consolidação de um senso de si autêntico e coerente. Nesse contexto, a Psicologia assume papel estratégico não apenas na escuta clínica, mas também na atuação preventiva, educativa e interdisciplinar, colaborando com diferentes setores da sociedade para promover o bem-estar emocional e o fortalecimento da autoestima dos adolescentes. O psicólogo, por meio de intervenções embasadas, pode auxiliar na formação de um olhar crítico sobre os conteúdos consumidos nas redes, promovendo a autonomia psíquica e o amadurecimento emocional dessa população.

Durante o desenvolvimento do trabalho, observou-se que há um número considerável de produções científicas abordando as relações entre adolescência, identidade e cultura digital, o que permitiu uma análise mais aprofundada e respaldada por múltiplas perspectivas teóricas. Ainda assim, a natureza dinâmica e em constante mutação do ambiente digital impõe novos desafios à compreensão dos processos identitários contemporâneos. O modo como os adolescentes se relacionam com o mundo, com os outros e consigo mesmos está intrinsecamente ligado às tecnologias digitais, que reconfiguram os espaços de socialização, os referenciais de

pertencimento e as formas de subjetivação. Por esse motivo, torna-se fundamental que os estudos nessa área sejam contínuos, abrangentes e atualizados.

Destaca-se, por exemplo, a necessidade de investigar de forma mais aprofundada a psicologia por trás das tendências digitais e dos desafios virais, fenômenos que moldam comportamentos coletivos, influenciam a construção da autoimagem e redefinem as dinâmicas de pertencimento entre os jovens. Além disso, os impactos neuropsicológicos do uso constante das redes sociais configuram um campo de estudo ainda emergente, particularmente no que se refere às alterações nas funções executivas, como a tomada de decisão, o planejamento, a atenção sustentada, o controle inibitório e a regulação emocional. Investigações futuras que integrem essas dimensões cognitivas, emocionais e socioculturais poderão ampliar a compreensão sobre os efeitos psicológicos da hiperconectividade e fundamentar práticas clínicas e preventivas mais coerentes com as demandas contemporâneas da juventude digital.

A continuidade desse debate no meio científico e profissional da Psicologia é, portanto, essencial para a construção de respostas éticas, sensíveis e contextualizadas diante das complexas transformações sociotécnicas que atravessam a adolescência.

REFERÊNCIAS

ADOLESCÊNCIA. Direção: Maria Ramos. Brasil: Netflix, 2022. 1 temporada: son., color. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81500839>. Acesso em: 26 mar. 2025.

ARONSON, E. **O animal social**. Trad. Noé Gertel. São Paulo: Difusão Cultural, 1979.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRADBURY, R. **Fahrenheit 451**. Nova Fronteira, 1953.

BUCKINGHAM, D. **The material child: growing up in consumer culture**. Cambridge: Polity Press, 2011.

CANTERO, J. B.; MEURER, M. F. M.; VOGT, R. L. A influência das redes sociais na adolescência: uma análise da perspectiva dos pais de adolescentes. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 12, p. e6929, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N12-122. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/6929>. Acesso em: 12 fev. 2025.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CGI.BR – COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. TIC Kids Online Brasil 2023: Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: CGI.br, 2023. Disponível em: <https://cetic.br>. Acesso em: 16 mar. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 002, de 24 de março de 2019**. Dispõe sobre a atuação do psicólogo na educação básica. Brasília, DF, 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FIAMENGHI-JR, G. A.; CERANTOLA, J. F. A. Redes sociais e impactos na subjetividade do adolescente na pandemia. In: ZAGO, M. C. **Saúde mental no século XXI: indivíduo e coletivo pandêmico**. Editora Científica Digital, 2021. p. 225–243.

FORBES, J. A psicanálise do homem desbussolado: as reações ao futuro e o seu tratamento. **Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise**, São Paulo, n. 42, p. 30-33, fev. 2005. Disponível em: <https://jorgeforbes.com.br/psicanalise-do-homem-desbussolado-2/>. Acesso em: 24 set. 2025.

GOUVEIA, V.; LOPES, F. Identidade juvenil e redes sociais: possibilidades e desafios. **Cadernos de Psicologia Social**, Salvador, v. 22, n. 2, p. 78-95, 2020.

GOUVEIA, V.; MIRANDA, L. P.; SOARES, A. K. A identidade nas redes sociais: expressão, pertencimento e consumo. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 303-318, 2019.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 97–103.

LEPRE, R. M. **Adolescência e construção da identidade**. 2000. Disponível em: https://www.academia.edu/59298613/Adolesc%C3%A2ncia_e_Constru%C3%A7%C3%A3o_Da_Identidade. Acesso em: 15 mar. 2025.

MACIEL, N. M. S.; FRANCO, E. C. D. Adolescência e imagem corporal: uma análise à luz da sociedade do espetáculo. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 33, n. 4, e240127, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nZFCJpMJ7h8BhtpZNsdmgQb/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

OLIVEIRA, E. S. G. Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 283-298, 2017. DOI 10.1590/0104-4060.47048. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/WkgCN3gwJqjwccLdf4wxKjj/abstract/?lang=pt>. Acesso em 10 jun. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Health for the world's adolescents: a second chance in the second decade**. Geneva: World Health Organization, 2014.

PINTO, S. B. A juventude e as interações sociais: a influência do grupo de pares e a constituição da identidade dos jovens. 2015. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5077>. Acesso em: 7 mar. 2025.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 22, n. 1, p. 55–63, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/9NSZf6fzMmGQ7zPfDVcGWSz/>. Acesso em: 7 mar. 2025.

SIEGEL, D. J.; HARTZELL, M. **O cérebro da criança: 12 estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho**. Rio de Janeiro: Editora nVersos, 2014.

SILVA, A. B. N. R.; SILVA, F. A. L.; VELOSO, L. T. T. **Baby Byte: Uma visão psicanalítica sobre a solidão e seus impactos à nova geração**. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 28., 2024, São José dos Campos. *Anais...* São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2024. Disponível em: https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2024/anais/arquivos/0210_0415_01.pdf. Acesso em: 24 set. 2025.

SILVA, D. G. F.; GONDIM, L. S. S. Tecnologia e adolescência: influência nas relações interpessoais e na construção de identidade. **Construção psicopedagógica**, São Paulo, Brasil, v. 32, n. 33, 2022. DOI

10.37388/CP2022/v32n33a04. Disponível em:
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542022000200008#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20que,dos%20adolescentes%20das%20%C3%BAltimas%20d%C3%A9cadas. Acesso em: 20 set. 2024.

TAPSCOTT, D. **Grown up digital**: how the net generation is changing your world. New York: McGraw-Hill, 2009.

TOURETTE, A. M. Adolescência: do conceito à construção da prática. *In*: BARONE, L.; AIDAR, R. **Adolescência e saúde mental**: perspectivas clínicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 21-34.

TURKLE, S. **Alone together**: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.

VIEIRA, G; DIAN, M. O. Impacto e crescimento da internet nos últimos anos. **Interface tecnológica**, São Paulo, Brasil, v.20, n.1, 2033. DOI: <https://doi.org/10.31510/infa.v20i1.1656>. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1656>. Acesso em: 18 jun. 2024.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

YASUI, S. **Adolescência e violência**: escuta clínica e produção de subjetividade. São Paulo: Escuta, 2010.